

# No limiar da escrita acadêmica: tensão, pressão e invenção

Clara Urzedo Rocha Motta

Andrea Vieira Zanella

Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil)

## Resumo

O delineamento deste artigo parte de uma reflexão acerca das vicissitudes da escrita acadêmica e seus pontos de confluência e divergência com a escrita de maneira geral. Dessa forma, o artigo tem como objetivo analisar as condições de possibilidade da escrita acadêmica se constituir em um lugar para a experiência, em seu sentido profundo de formação e transformação de si. Para tal, foram realizadas oficinas estéticas de escrita com estudantes de pós-graduação *stricto sensu*, caracterizadas como um espaço de experimentação com a palavra. A experiência do bloqueio da escrita e o conflito entre a autoria e a norma científica são nodos de discussão fundamentalmente lateralizados ao pensamento de Michel Foucault e Roland Barthes. Por conseguinte, destaca-se a importância de resgatar a dimensão processual da escrita e a intimidade com as palavras que parecem ficar obstruídas com o ingresso dos estudantes no ambiente universitário. A partir da experiência com as oficinas e da revisão bibliográfica, compõem-se argumentos para pensar a escrita da pesquisa como uma experiência limiar, permeada de negociações entre práticas criativas e exigências institucionais.

Palavras-chave: Escrita acadêmica. Oficina estética. Texto. Discurso.

## At the threshold of academic writing: tension, pressure, and invention

## Abstract

The outline of this article is based on a reflection on the vicissitudes of academic writing and its points of convergence and divergence with writing in general. In

this way, the article aims to analyze the conditions under which academic writing can become a place for experience, in its profound sense of formation and transformation of the self. To this end, aesthetic writing workshops were held with *stricto sensu* graduate students, characterized as a space for experimentation with the word. The experience of writer's block and the conflict between authorship and scientific norm are nodes of discussion fundamentally lateralized to the thinking of Michel Foucault and Roland Barthes. Consequently, the importance of recovering the procedural dimension of writing and the intimacy with words that seems to be obstructed when students enter the university environment is highlighted. Based on the experience with the workshops and the bibliographic review, we developed arguments to think about research writing as a threshold experience, permeated by negotiations between creative practices and institutional demands.

Keywords: Academic writing. Aesthetic workshop. Text. Discourse.

2

## **En el umbral de la escritura académica: tensión, presión e invención**

### **Resumen**

El esquema de este artículo parte de una reflexión sobre las vicisitudes de la escritura académica y sus puntos de confluencia y divergencia con la escritura en general. De este modo, el artículo tiene como objetivo analizar las condiciones de posibilidad para que la escritura académica se convierta en un lugar para la experiencia, en su sentido profundo de formación y transformación del yo. Para ello, se realizaron talleres de escritura estética con estudiantes de posgrado *stricto sensu*, caracterizados como un espacio de experimentación con la palabra. La experiencia del bloqueo de la escritura y el conflicto entre la autoría y la norma científica son nodos de discusión fundamentalmente lateralizados al pensamiento de Michel Foucault y Roland Barthes. Por tanto, se destaca la importancia de rescatar la dimensión procedural de la escritura y la intimidad con las palabras que parece obstruirse cuando los estudiantes ingresan al ámbito universitario. A partir de la experiencia de los talleres y de la revisión

bibliográfica, se argumenta que la escritura de investigación es una experiencia umbral, permeada por negociaciones entre prácticas creativas y exigencias institucionales.

Palabras-clave: Escritura académica. Taller estético. Texto. Discurso.

## Introdução

Talvez já esteja na hora de abalar uma ficção: a ficção que quer que a pesquisa se exponha, mas não se escreva (Barthes, 2012).

O trabalho acadêmico é um trabalho com palavras. Pesquisar é ler, debater, entrevistar, transcrever, decupar, fichar, resumir, conversar, escrever. Seja de modo individual ou coletivo, fazer pesquisa é mergulhar e trabalhar com esse conjunto de letras; esse sofisticado sistema de codificação do mundo que chamamos de linguagem. Mesmo diante de tantos recursos tecnológicos, o cotidiano de estudantes e pesquisadores é fundamentado prioritariamente ou exclusivamente nas palavras, seja nos processos de aquisição, divulgação, avaliação, seja na produção propriamente do conhecimento científico (Franco, 2019). Essa situação se intensifica na área das humanidades, em que até mesmo atividades de campo, como grupos, oficinas, entrevistas e formulários são intermediados de forma constitutiva pela linguagem – esse artifício gregário de classificação e conexão entre humanos (Barthes, 2013).

Independente da complexidade daquilo que foi vivido *em campo*, é a produção textual final que objetiva a pesquisa nas ciências humanas, ou seja, a capacidade do pesquisador de traduzir sua experiência em palavras. Essa tradução se dá como ato criativo, uma espécie de integração capaz de exprimir a produção do conhecimento propriamente dita. À essa prática, corpo e arremate final da pesquisa, damos o nome de escrita acadêmica – e é precisamente sobre ela que nos dedicaremos ao longo deste artigo, por meio da aproximação e da reflexão acerca das vicissitudes dessa forma específica do escrever.

Podemos definir, provisoriamente, a escrita acadêmica como aquela que é “[...] propositalmente arranjada para produzir efeitos de verdade” (Vilella,

2013, p. 214). É claro que toda forma de escrita, seja ela poética, literária ou mítica, busca um efeito de verdade relativo à sua força de significação. Não há, nesse sentido, uma verdade única e transcendental, mas, sim, diferentes regimes de veridicção que se constituem a partir de diferentes práticas discursivas (Foucault, 2014).

O estatuto de verdade, ao qual a escrita acadêmica está submetida, se ancora nos valores científicos de objetividade e neutralidade, o que demanda uma produção textual que conduza o leitor a uma linha de raciocínio inequívoca. O discurso científico hegemônico se caracteriza, portanto, como aquele que procura não deixar margens para questionamentos em relação à sua própria verdade. Nessa perspectiva, a linguagem científica é o que permite o controle da verdade, sendo esta baseada em procedimentos regulados para a produção, repartição e circulação de enunciados, ou seja, um conjunto de regras capaz de distinguir o verdadeiro do falso (Foucault, 2014).

Definir a escrita acadêmica é também correr o risco de produzir generalizações e totalitarismos pouco producentes. Se esse é o risco de toda nomeação – Barthes (2013) já nos atentava para o fascismo inerente à linguagem – só nos cabe ressaltar que a escrita científica não é uma forma única e circunscrita de escrever, mas uma prática que se dá em um contexto específico de exigências institucionais. Homogeneizar em excesso a produção realizada dentro do escopo da universidade seria injusto com o trabalho de inúmeros pesquisadores que exercitam formas criativas de responder a tais demandas.

Contudo, nos interessa destacar algumas características que configuram certo modo de escrever nas ciências humanas e as consequências disso para aqueles que escrevem. Podemos dizer que se trata mais de um modelo do que de um conjunto de regras específicas a serem seguidas. Esse modelo produz um enrijecimento e uma reprodutibilidade na experiência da escrita do texto científico, com frequência reduzida à necessidade produtiva para fins estatísticos e pontuação em editais. Em consequência, observamos a produção massiva de artigos serializados e um preocupante estado de sofrimento

psíquico experienciado pelo corpo discente dos programas de pós-graduação (Silva, 2015).

Entendemos que há um padecimento característico de toda e qualquer escrita: um tipo de angústia que é preciso atravessar para dar corpo ao texto; essa natureza da palavra que funciona como uma trincheira entre a prisão e a liberdade do pensamento (Vilella, 2013). Se por um lado fixamos ideias e experiências em palavras ao escrever, por outro, é ao nos lançarmos nessa aventura que temos a oportunidade de efetivar algo que existia apenas enquanto um murmúrio de pensamento. Ou seja, muitas vezes, se escreve para expressar justamente aquilo que ainda não se sabe quando se posiciona, ino- centemente, diante da folha em branco (Foucault, 2014).

Nesse sentido, a escrita acadêmica será tratada como essa zona de turbulência, caracterizada por constantes negociações que incluem o jogo entre leitor e escritor, entre aquele que demanda o texto e aquele que o escreve, entre a palavra e o pensamento.

Trata-se de averiguar quais torções sofre esse espaço fundamentalmente turbulento no processo de formação da pós-graduação *stricto sensu* e as suas reverberações na experiência da escrita da pesquisa nas ciências humanas. Ainda, nos interessa a aproximação com a maneira com a qual as exigências acadêmicas vinculadas à escrita se inserem no cotidiano dos estudantes de pós-graduação e afetam sua vida psíquica. Logo, objetivamos uma reflexão acerca das vicissitudes da escrita acadêmica, quais são seus pontos de confluência e de divergência com a escrita de uma maneira geral, além de analisar as condições da escrita acadêmica ser um lugar para a experiência – em seu sentido profundo de formação e transformação de si (Larrosa, 2020; Foucault, 2014) – no atual cenário universitário brasileiro.

## Método

O presente artigo apresenta resultados de uma pesquisa cujo objetivo consistiu em analisar as condições de possibilidade da escrita se constituir enquanto um lugar de experiência para estudantes de pós-graduação no

campo de estudos da subjetividade. Para tal, foram propostas oficinas estéticas de escrita para estudantes de pós-graduação *stricto sensu* de áreas do conhecimento que possuem alguma linha de pesquisa relacionada à temática da subjetividade. A divulgação foi realizada por meio da circulação de um cartaz em grupos de e-mail institucionais e via rede social. As inscrições também foram realizadas de forma remota, a partir do preenchimento de um formulário virtual. Foram feitas duas edições da oficina: uma na modalidade presencial, na Universidade Federal de Santa Catarina e outra na modalidade on-line. A oficina era composta por 4 encontros de 2 horas de duração cada e contou com a participação de 5 pessoas por edição. As reflexões aqui expostas partem da experiência de coordenação das oficinas, da própria experiência de escrita da pesquisadora e de bibliografias produzidas sobre o tema.

A proposição das oficinas pretende não apenas analisar a experiência de escrita da pesquisa, mas também intervir nessas condições, buscando ampliar o regime sensível dos participantes com as palavras e a atividade escrita de maneira geral. As oficinas estéticas, em sua definição, além de designarem o contato e o trabalho com linguagens artísticas, também buscam a intervenção nos modos de ver, ouvir, sentir e pensar, constituindo-se em estratégia de tensionamento de olhares cristalizados e produção de olhares outros para determinadas atividades (Zanella, 2020).

A partir da leitura de trechos literários, discussões com e entre os participantes e da proposição de exercícios, as oficinas tinham a intenção de conduzir os participantes a uma espécie de passeio de experimentação pela materialidade da palavra, tendo como direção a ampliação da capacidade de afetar e ser afetado por ela. A hipótese implícita da proposta é que a criação de uma intimidade com as palavras facilita o entendimento da prosaumentalidade inerente ao trabalho de escrita, facilitando a produção do texto.

A mediação literária foi baseada em uma apostila elaborada previamente com contos curtos, poesias, trechos de textos e imagens que foram trabalhados ao longo da oficina. Cada encontro tinha uma temática específica que servia como ponto de partida para a exposição acerca de alguns aspectos da escrita, a troca entre os participantes acerca desses temas e a proposição

de exercícios lúdicos tinham como objetivo a ativação de certa natureza poética da linguagem (Kirinus, 2011).

Os procedimentos para coleta de informações utilizados foram o diário de campo e as gravações de voz dos encontros, posteriormente transcritas e decupadas. Ademais, foram coletadas e organizadas as produções escritas que os participantes realizaram ao longo dos encontros. Os dados emergentes do campo foram trabalhados a partir das produções coletivas, prescindindo da distinção individual dos participantes.<sup>1</sup>

Para a análise dos dados, foram utilizados os conceitos barthesianos de escritura, texto, semiologia e linguagem (Barthes, 2013; Barthes, 2012) e a discussão foucaultiana acerca da figura do autor, do discurso e dos regimes de verdade (Foucault, 2014; Foucault, 2001). O tratamento dado ao material de pesquisa se dá em forma de ensaio, ou seja, mediante um enlace da teoria e da experiência, da linguagem teórica e da linguagem poética, tendo em vista a produção de uma interface entre arte e ciência, conhecimento e imaginação, objetividade e subjetividade (Larrosa, 2016).

## No limiar da escrita acadêmica

Pensando a escrita como essa zona de turbulência que nos exige constantes negociações, arriscamos dizer que a mais delicada delas é essa espécie de força que retira o sujeito do seu lugar do saber e o atira em uma zona onde *ainda* não se sabe ao certo o que formular. Uma negociação, portanto, que ocorre entre a interioridade do sujeito da escrita (seu desejo, consciência, racionalização) e o seu fora (desconhecimento e alteridade) (Vilela, 2013; Foucault, 2001). É como se nos lançássemos na aventura da escrita justamente quando não sabemos, mas pressentimos algo. Escrever é, portanto, atravessar, ou melhor, habitar esse limiar.

O limiar é uma categoria curiosa: de modo distinto do limite e da fronteira, não designa o encontro entre dois domínios, mas a zona de transição. A própria ambiguidade da palavra zona nos ajuda a abrir esse sentido. Assim, o limiar é algo que se inscreve em um registro mais amplo de movimento,

passagens e ultrapassagens (Gagnebin, 2014). Além disso, o limiar, conceito extraído da obra de Walter Benjamin, comentado pela filósofa Jean Marie Gagnebin, comporta a acepção de uma espécie de rito de passagem. Por conseguinte, entende-se que as palavras não são meros instrumentos e a escrita não se reduz à questão técnica comunicacional, mas, sim, se refere a um jogo complexo de negociação, constituição e diferenciação do sujeito.

Por outro lado, no encargo de tratarmos da especificidade do nosso objeto, voltemos à definição anterior da escrita acadêmica como aquela que busca um efeito de verdade (Vilella, 2013). Esse efeito é produzido a partir de um convencimento do leitor mediante o uso de recursos retóricos capazes de suprir dúvidas, enganos e ambiguidades. A objetividade como garantia do rigor científico se materializa no texto por meio de estratégias historicamente valoradas e difundidas na metodologia científica tais como: a ocultação do sujeito, o uso do indicativo e da terceira pessoa e a recusa de expressões que revelem o caráter processual da pesquisa, como o gerúndio e o particípio, que indicam uma ação *em andamento*.

## 8

O apagamento do sujeito na redação científica pode ser pensado como uma espécie de truque do discurso da ciência, que, subitamente, se apresenta como coerente e verdadeiro, assumindo um lugar de autoridade (Burgarelli; Ribeiro, 2010). Essa legitimidade do saber só é alcançada quando passa pelo crivo científico ancorado nas normativas relativas à escrita e à formulação do texto.

A escrita acadêmica, predominantemente valorada como científica, aparece como produto e não parte integrante do processo da pesquisa. Escreve-se, portanto, um relato de algo que já passou e a escrita da pesquisa é assim preterida como mera representação daquilo que foi feito. De maneira geral, a forma seca da sintaxe e a neutralização do sujeito expressa o domínio da escrita científica – apesar, é claro, de cada área do conhecimento (as ciências naturais, as humanas e as humanidades) apresentar torções dessa forma, com suas estereotipias características.

Rezende, em sua pesquisa de doutorado com estudantes de graduação e pós-graduação, usuários do Centro de Assessoria de Produção Científica (CAPA) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), afirma que:

Para ser reconhecido e legitimado institucionalmente, o mestre acadêmico (e a mestra) precisa reservar para si a exposição daquilo que é íntimo, confuso, nascente e embrionário; devendo mostrar para o Outro apenas a expressão que representa a ética da autoridade científica: o acabado, o exterior, o neutro, o claro, o poente de imponência, o derradeiro (Rezende, p. 144, 2021).

Logo, entre a zona de turbulência e o produto verdadeiro, neutro e objetivo, observamos um significativo descompasso, como se a escrita, ao adentrar o universo acadêmico e ser subjugada aos preceitos clássicos de produção científica, fosse forçada a suprimir suas vicissitudes.

Esse evidente descompasso cria o problema adicional de um cansaço decorrente da constante autovigilância e autoconsciência, sobretudo no que se refere à escrita. O indivíduo precisa portar-se sempre “como se” produzisse ciência [...]. Aí, o descompasso entre o que se faz e o que se diz fazer é causa de um evasivo – mas constante – sentimento de inadequação e hipocrisia. Esta é uma primeira dificuldade diretamente vinculada a hábitos de escrita no âmbito acadêmico (Franco, 2019, p. 21).

Isso inaugura um amplo campo de questões vividas por aqueles que escrevem dentro do contexto acadêmico. É a partir do diagnóstico desse descompasso, dessa descontinuidade fundante, que iremos discorrer sobre dois pontos latentes que se apresentaram ao longo da condução das oficinas: o bloqueio da escrita e a questão da autoria.

É importante salientar que tais pontos não procuram esgotar as problemáticas relativas às vicissitudes da escrita acadêmica, nem apresentar algo de inédito; trata-se de dar consistência – a partir de uma abertura e de uma atenção – e formular questões já conhecidas sob outras perspectivas, mas não por isso superadas no processo de escrita da pesquisa.

## A palavra afiada: oficina de escrita

Era uma sexta-feira fria e a pesquisadora<sup>2</sup> organizava o ambiente com os elementos que tinha ao seu alcance: almofadas, o quadro negro, uma pilha de livros, um conjunto de pranchetas, papel, caneta, lápis de cor, giz de cera, café, chá e algumas coisas para comer. A pesquisadora tinha a forte sensação de que esses artifícios aparentemente desnecessários eram importantes aliados na construção do grupo. Era algo que aprendera com Manoel de Barros, quando este lhe contou ao pé do ouvido que a prática do desnecessário e da cambalhota são fundamentais para o desenvolvimento do senso lúdico. Aos poucos a sala ia se enchendo com diferentes pesquisadores-escritores e, após alguns minutos, deu-se início a uma oficina de escrita que a pesquisadora chamou cuidadosamente de a palavra afiada – consciente da importância de todo e qualquer ato de nomeação. De repente, aquelas pessoas que se reuniam voluntariamente para praticar a escrita, começavam a ganhar espessura, ao passo que as histórias eram compartilhadas e algumas palavras eram grafadas no papel. A pesquisadora acompanhava aquelas histórias como quem se equilibra em uma fenda: as pernas esticadas em um habilidoso alongamento, cada pé tocando uma das margens que inaugurava o espaço da oficina. Em uma delas, rabiscava o caderninho vermelho na tentativa de registrar aquilo que seria de valor para a pesquisa; em outra, experimentava o fascínio e a curiosidade pueril de se ver diante de jovens escritores e pesquisadores, às voltas com as dores e delícias do escrever e do pesquisar, condição na qual ela também se encontrava e compartilhava intensamente. Seu objetivo principal era despertar naqueles que estavam presentes a sensação de "eu escrevo!", tão rotineiramente soterrada pelo fantasma do fracasso que acompanha a escrita da pesquisa na pós-graduação.

10

## O bloqueio

As atividades de leitura e escrita são centrais do dia a dia do trabalho científico. Essa centralidade é ainda mais incisiva nas ciências humanas,

tendo em vista que o objeto específico dessa área do conhecimento é a própria matéria significante (Amorim, 2002). Porém, tais atividades acabam sendo negligenciadas na forma de uma desatenção em relação ao seu exercício e às suas especificidades: “[...] é interessante porque a escrita é um dos maiores sofrimentos que tem. Não só porque tem que publicar, mas também porque falta esse espaço. Falta espaço para exercitar isso que é *muito cobrado*, mas pouco exercitado” (M. 2022).<sup>3</sup>

A experiência narrada evidencia essa negligência expressa por meio da naturalização da atividade da escrita, que está longe de ser trivial. Podemos atribuir a isso uma herança do cogito cartesiano que, ao fundar a existência e o ser no próprio pensamento, opera uma cisão entre corpo e pensamento. Há, portanto, uma transcendentalização das atividades do pensar. Apesar dessa ser uma discussão feita exaustivamente no campo das ciências humanas, observamos uma carência de ações práticas para contra-efetuar essa herança que constitui as estruturas universitárias, assim como o nosso imaginário do que seja a produção acadêmica (Franco, 2019). Não é à toa que Barthes (2012) afirma que a escrita acadêmica suscita uma evaporação do corpo. Essa ênfase no esforço intelectual e o afastamento da produção do conhecimento de sua dimensão processual e cotidiana acabam por produzir a ideia no imaginário de jovens pesquisadores de que a escrita do texto é algo dado. Assim, estes se encontram pouco receptivos para os entraves e angústias típicos do início da escrita, o que acaba encurtando as possibilidades de atravessar criativamente essa primeira barreira e desencadeando processos agudos de sofrimento psíquico.

A experiência como assessora de escrita do CAPA da UFPR, relatada por Rezende (2021) em sua tese de doutorado, é algo interessante a ser pensado nesse sentido. Esse é, segundo a autora, o primeiro *writing center* do Brasil, um espaço comum em instituições renomadas de ensino e pesquisa mundo afora. Apesar de ser um espaço para exercitar habilidades relativas à redação científica, ou seja, para “ensinar” e acompanhar o corpo discente a escrever conforme os pressupostos expostos criticamente no início do artigo, é também a possibilidade e a garantia de um espaço para se debruçar sobre a

escrita em sua processualidade. Um espaço, portanto, para jovens pesquisadores e pesquisadoras partilharem as dificuldades, os hábitos, as estratégias e os prazeres da escrita, acompanhados de profissionais qualificados.

Ao final da primeira edição da oficina, propus uma rodada de avaliação coletiva, em que todos os presentes poderiam partilhar suas impressões em relação aos encontros. Três dos participantes compartilharam um sentimento de frustração no primeiro dia, pois tinham uma expectativa de que seria uma oficina técnica de escrita acadêmica, com dicas, informações e exercícios práticos relativos à redação científica. Mesmo entendendo que essa não era a proposta dos encontros, sustentaram a presença e disseram que se surpreenderam positivamente com a experiência de se aproximar, pensar e praticar a força da palavra. De todo modo, esse desentendimento que acometeu parte dos componentes do grupo aponta para a carência de um espaço institucional que instrua e acompanhe os pesquisadores em seus processos de escrita e que, possivelmente, esse tipo de dispositivo também possa servir como estímulo para a inventividade no trabalho da escrita.

## 12

Ademais, ao serem indagados acerca da relação com a escrita dentro e fora da universidade, os participantes compartilharam de forma unânime a experiência de que tinham uma relação significativa e prazerosa com a escrita, e esta foi perdida após o ingresso na universidade. Por conseguinte, por mais que a afinidade com a escrita e com a leitura de alguma forma caracterize o perfil daqueles que enejam seguir uma carreira acadêmica no âmbito das ciências humanas – entendendo que essas são atividades fundamentais do cotidiano de trabalho –, o ingresso no universo acadêmico obstrui, de alguma forma, a experiência de prazer e fruição com o texto : “[...] quando eu era criança, brincava com as palavras, eu fazia o que queria com as palavras, mas quando você entra na academia você vê que não tem liberdade para fazer o que você quiser” (M., 2022). Essa sensação ressoa na experiência de outros participantes: “[...] eu gosto de escrever, mas a academia tem essa coisa que meio que você se sente tolhida e também engessada dentro da questão dos parâmetros dentro dos quais você tem que escrever” (M. 2022). Ainda, outro participante da oficina, contou que “[...]a academia foi meio

*que me tolhendo da minha subjetividade e parece que fui perdendo um pouco de uma espontaneidade da escrita*” (M. 2022). Os relatos dos participantes das oficinas evidenciam o fato de que essa frustração diante das exigências formais do escrever inaugura a ligação da escrita ao sofrimento psíquico na pós-graduação e a experiência de escrita fica inicialmente atrelada à sensação de *bloqueio* e a termos como *tolhida, engessada, vergonha, constrangimento, sofrimento*.

Tal sofrimento é agravado com as exigências de produtividade conformada a parâmetros de avaliação das agências de fomento e à precarização de condições de trabalho diante das tendências privatistas que reduzem o investimento nas universidades públicas brasileiras. Assim, “[...] a universidade perde seu lugar de caráter de mediação entre os estudantes e a realidade social, na medida em que os atira ao abandono do imperativo da responsabilidade individual e desempenho” (Leão; Ianni; Goto, 2019, p. 61).

O bloqueio é, portanto, vivido de forma individual e não como algo coletivo e inerente à operação da escrita. Essa dificuldade é, então, subjetivada como fracasso, gerando a sensação de que as produções estão sempre aquém daquilo que deveriam ser. Costa (2017), pesquisador e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), ao problematizar a escrita acadêmica no contexto do neoliberalismo, formula perguntas que ainda se fazem ecoar:

Como instaurar outros planos de imaginação política quando a imagem majoritária que nos chega é a de que fracassamos? [...] Em outras palavras, como nos mantermos resistentes através do que escrevemos, quando nossa escrita já está, ela mesma, mimetizada a um design do qual deveríamos justamente escapar? (Costa, 2017, p. 25).

Se o ato de escrever já não recebia a devida atenção devido à incongruência dos pressupostos da redação científica e das vicissitudes próprias da escrita, com a consolidação do neoliberalismo na cultura acadêmica, esse cenário encontra um forte agravante. A alta demanda de produtividade – intimamente ligada às ações de fomento e distribuição de bolsas – faz com

que, ainda mais, a produção científica se volte para o seu *produto* e seus *resultados*. Isso aponta para a urgência de se instaurar, em meio ao trabalho científico, espaços para pensar não somente a escrita, mas o próprio texto, isto é, espaços para “[...] gestos políticos que envolvam um tratamento atencioso à linguagem” (Costa, 2017, p. 26).

## Texto: corpo da pesquisa

Voltar-se ao texto: eis o que invariavelmente fazemos quando se trata da pesquisa. Mas o que é isso? O texto, segundo Barthes (2012), é entendido como um campo de forças textuais e não se resume ao gesto de reunir letras e formar sentenças. O texto é aquilo que possui textura, isto é, relevo – uma construção e transformação do espaço através da ação do tempo, uma tessitura de vários elementos.

De saída, podemos pensar em dois tipos de texto: o da leitura<sup>4</sup> e o da escritura. É evidente que ambos se afetam mutuamente e, inclusive, são bem característicos do processo de pesquisa, como quando a leitura nos desperta o súbito desejo de escrever (Costa; Costa, 2017). Entretanto, é sobre o segundo tipo que precisamos nos debruçar. A escritura concerne um contato com a natureza poética da língua, uma “[...] prática que possibilita o autoconhecimento e autocritica da linguagem, assim como sua abertura ao ainda não dito” (Perrone-Moisés, 2012, p. XVI). Não se trata, portanto, de um espontaneísmo na relação com as palavras, um “fazer o que quiser” com o texto, mas algo que se alcança justamente a partir de um sério trabalho de linguagem.

Pensar o texto e aprofundar o seu sentido é direcionar um olhar mais atencioso para situações que vivemos cotidianamente no trabalho de pesquisa científica, mas não damos a devida importância. Assim,

[...] a partir do momento que a pesquisa diz respeito ao texto (e o texto vai muito além da obra), a própria pesquisa se torna texto, produção: [...] a ‘pesquisa’ é então o nome prudente que, sob a imposição de certas condições sociais, damos ao trabalho da escritura (Barthes, 2012, p. 393).

Dito de outro modo, a escritura é uma prática de escrita daqueles que pensam a linguagem em seu estado de fruição. Leia-se: usufruto, prazer e proveito. Logo, “[...] não se trata de colocar de um lado cientistas e pesquisadores e de outro os escritores e ensaístas: a escritura se faz em todo lugar que as palavras têm sabor” (Barthes, p. 20, 2013). É assim que a escrita acadêmica encontra a escritura como importante ferramenta para a construção de uma política do texto, em que “[...] os objetos de escrita funcionam mais como condição de possibilidade que como Razão do escrever” (Costa; Costa, 2019, p. 175). Trata-se de fruir de um espaço para experimentar a palavra em sua radicalidade e sua força, tateando com o idioma o texto como uma oportunidade de efetiva formação, transformação e produção do conhecimento.

A radicalidade da palavra diz respeito à sua fonética, sua semântica e sua sintaxe, ou seja, ao seu regime de sons, seu regime de sentido e sua estrutura gráfica. Glória Kirinus, professora de didática da UFPR e escritora, atenta-nos para o fato de que a própria palavra, em sua etimologia, possui uma espessura histórica (Kirinus, 2011). Passear pela palavra é, portanto, acionar essa articulação histórica de produção de sentido que a palavra carrega. Leyla Perrone-Moisés (2012, p. XVI), no prefácio da coletânea de textos de Barthes, apresenta uma ideia consonante ao afirmar que “[...] as línguas carregam uma história, trazem nelas marcas de usos anteriores [...] não basta, pois, usar a linguagem no intuito de comunicar sentidos novos, é preciso trabalhar as suas formas, libertá-la do que ela tem de esteriotipado, de velho”.

Em outros termos, uma política do texto é uma estratégia de combate contra certo apodrecimento da língua.

\*\*\*

Ao longo das oficinas, pôde-se observar que a experiência de escrita era frequentemente associada à pressão de adequar o texto a um formato alheio aos anseios do pesquisador em relação à transmissão de sua experiência. Somado ao desafio de colocar em palavras um percurso singular de pesquisa, a sensação de inadequação e o desconforto com as normas

científicas acompanhavam os participantes da pesquisa e, pode-se dizer, assombrando e retraindo grande parte dos discentes de pós-graduação.

A elaboração de uma política do texto serve para criar ferramentas para ampliar esse formato ou, ao menos, não se deixar constranger com ele, tendo em vista que “[...] os contornos do canonicamente aceitável, quando se trata de um texto acadêmico, são pontos de negociação para a escrita da pesquisa” (Moschen; Do Ó, 2021, p. 746). Trata-se de dar ênfase à negociação, que parece recuperar a agência em relação à forma da produção escrita para o sujeito da pesquisa.

## Entre a autoria e a referência

Em 1969, Foucault (2001) realizou uma conferência junto à sociedade francesa de filosofia acerca da figura do autor. O filósofo francês propôs quatro pontos importantes relativos à problemática da autoria: o primeiro deles diz respeito à sua emergência histórica, intrinsecamente ligada ao sistema jurídico e institucional que articula o discurso, criando a possibilidade de inferir penalizações ao sujeito que escreve ou diz determinada formulação. O segundo se refere ao fato de a figura do autor apresentar distintas conformações ao longo do tempo histórico. O terceiro ponto – de maior interesse para a nossa discussão – é que o autor não se define pela correspondência de um discurso a um indivíduo. O quarto ponto sinaliza que um único autor pode dar lugar para vários e simultâneos egos. Assim,

[...] o que no indivíduo é designado como autor (ou o que faz de um indivíduo um autor) é apenas a projeção, em termos sempre mais ou menos psicologizantes, do tratamento que se dá aos textos, das aproximações que se operam, dos traços que se estabelecem como pertinentes, das continuidades que se admitem ou das exclusões que se praticam (Foucault, 2001, p. 277).

Percebe-se que o pensador francês constrói uma relação íntima entre a autoria e o “tratamento que se dá aos textos”, colocando a correspondência imediata que fazemos entre o autor e o indivíduo como uma projeção. Logo,

a questão da autoria não aparece a partir dos sujeitos que escrevem, mas na medida em que pensamos o texto e suas políticas, estilos e formatos.

Essa temática se sobressaiu nas discussões da oficina de escrita a partir de um estranhamento relativo ao uso das referências bibliográficas. Esse estranhamento é vivido com base em uma dificuldade de discernir uma formulação do pesquisador de uma leitura realizada ao longo da pesquisa, colocando em xeque a autoria do texto:

*É um sofrimento isso na hora de escrever porque... É claro que quando a gente vai fazer uma pesquisa lemos sobre muitas coisas. Então, essa fronteira do que é seu e do que é do que você leu e ter que referenciar é difícil. Isso é uma angústia. Porque, às vezes, quando você cita a referência, você perde aquilo que é seu* (M. 2022).

Dois aspectos na fala da participante chamam atenção: o primeiro é o uso da palavra angústia, que por um lado aponta o sofrimento vivenciado pela pesquisadora e, por outro, a escrita da pesquisa como experiência intensiva do processo de formação na pós-graduação – e não apenas produto de um caminho já trilhado. A experiência de escrita é algo que toma a pesquisadora e a coloca em um lugar de padecimento que perde de vista sua causa e que a atravessa intensamente; a angústia. O segundo aspecto que nos salta os olhos é a *perda daquilo que é seu*, que também possui uma análise ambígua. Essa passagem pode se referir simultaneamente à uma expropriação do pesquisador de sua capacidade de criar – como se tudo em sua produção escrita fosse referenciado a outrem – mas também uma reflexão acerca da propriedade do pensamento. De fato, a partir do momento em que formula uma ideia e a publica, ela deixa de pertencer ao autor. É nesse sentido que “[...] o nascimento do leitor deve pagar-se com a morte do autor [...]” (Barthes, 2012, p. 64) e que há, na escrita, uma exposição inevitável que coloca o exercício de autoria como algo ainda mais desafiador.

Nota-se, mais uma vez, o limiar do processo de escrita científica nas ambiguidades dos enunciados expostos acima, mas também no conflito escancarado entre o desejo e a cobrança que permeia o percurso da

pesquisa. Porém, a exigência internalizada pelo corpo discente de uma escrita acadêmica limpa e inequívoca, dentro dos modelos de verdade, reduz progressivamente a possibilidade de elaborar esses embates e construir saídas criativas na relação com o texto.

A voz do autor é, por excelência, o ponto crucial do encontro entre a forma e o conteúdo do texto (Amorim, 2002). É no exercício da autoria que se encontra a oportunidade de negociar com os parâmetros da escrita científica para dar passagem às coisas que tateamos, vivemos e pensamos ao longo da pesquisa e para as quais nos faltam palavras – desafio típico de uma área de conhecimento que investiga um objeto tão variável como o ser humano e suas produções. É recomendado uma dose de prudência para não situar essa voz em um lugar originário da escrita, circunscrito no indivíduo. A voz do autor não é um lugar de partida, mas a tessitura de uma miscelânea de vozes. Logo, o autor, “[...] não é a origem da escrita, nem está em uma posição de completo domínio em relação a esta [...] ele decanta do percurso do texto, como resultante - e não resultado – dos impasses do pensamento” (Moschen; Do Ó, 2021, p. 741). Desse modo, podemos pensar que a trajetória de formação concerne a essa autorização de tornar-se autor; de apropriar-se do discurso do outro, fazendo ligeiras torções e imprimindo pequenas diferenças singulares.

Desdobrando a discussão disparada acerca da angústia em articular o embasamento teórico da pesquisa com o seu próprio pensamento, um outro participante da oficina comenta que:

[...] talvez essa dificuldade de usar referência – e eu também passo por essa dificuldade – está mais ligada a uma ignorância nossa de entender a real função da referência do que ser uma dificuldade. Porque aquilo que você se apropriou, que é seu conhecimento, se você firma nas suas palavras, ninguém vai questionar: “ah, mas você não colocou tal referência” (M. 2022).

Começamos a pensar, então, a referência como uma espécie de proteção do pesquisador: “[...] ali onde você vacila, é onde devia ter colocado uma referência para se esconder atrás de alguém” (M. 2022). É interessante o uso da palavra vacilo, que remete a um tropeço, um obstáculo, uma falha, uma

dificuldade. Assim, a citação referenciada pode se apresentar tanto como uma interrupção do fluxo de escrita quanto como ponto de apoio para os “vacilos” do pesquisador. Nesse sentido, não se trata de “se esconder atrás de alguém”, mas de assumir o texto em sua dimensão coletiva, como uma composição de forças em que a alteridade está sempre em jogo: nos interlocutores teóricos, nos interlocutores do campo e na interlocução consigo mesmo que a escrita inaugura.

De todo modo, diante dos parâmetros rígidos de escrita e das altas exigências de produtividade, podemos pensar em uma espécie de alienação do trabalho da pesquisa. O pesquisador se encontra alheio ao sentido de certas exigências formais, que necessariamente acompanham a produção do texto científico e perdem a capacidade de fazer uso ativo e criativo da forma.

Tal constatação abre espaço para pensarmos no processo de burocratização da escrita acadêmica, baseado na reprodução automática de certos protocolos esvaziados de sentido. Em uma escrita protocolar, não há a criação de familiaridade com as palavras, desencadeando uma substituição da originalidade pelo exercício de seguir esquemas de escrita previamente instituídos e institucionalmente consagrados. O constrangimento e a obstrução do fluxo de escrita causado pelas regras de referências bibliográficas reflete mais a burocratização e a aceitação ressentida das normas de citação, do que a falta de pertinência dessas exigências formais.

A alienação em relação às referências e as possibilidades de criação do texto pode levar, inclusive, ao plágio, tendo em vista a complexidade que envolve a redação científica. A escrita acadêmica parte, fundamentalmente, de fontes prévias e exige do pesquisador a elaboração dessas leituras e a sua integração em uma formulação, minimamente, original. Uma análise interessante dessas situações é que elas não ocorrem por uma questão moral, mas por uma lacuna no ensino superior que se refere à incorporação e utilização dos modelos textuais da ciência (Festas; Matos; Seixas, 2020).

Não é raro ouvirmos mestrandos e doutorandos comentarem e se queixarem dos caminhos vertiginosos da produção de pesquisa em que não há tempo a perder com experiências outras que

possam desestabilizar o que já se convencionou como mais adequado e relevante para figurar nos relatórios e produzir impactos nos artigos (Linhares, 2016, p. 10).

Logo, o modelo rígido de escrita contamina as formas coletivas de escrever, criando uma resistência nos próprios pesquisadores que se aventurem em uma relação criativa com a linguagem. Entretanto, do mesmo modo que há um contentamento por parte dos estudantes, também há algo da própria natureza da escrita que insiste, implicando-os intimamente nesse processo: “[...] não é nem que eu goste de escrever, eu meio que preciso. Não sei, é uma coisa que me ajuda a manter a cabeça no lugar. É bem difícil escrever e ao mesmo tempo é mais difícil não escrever (M. 2022).

É preciso resgatar o sentido das normativas de escrita, não como imposição, mas enquanto um aspecto de responsabilização da produção do conhecimento, sem prescindir da implicação e da invenção no texto. Enfim, trata-se de recuperar a capacidade de agência do pesquisador com as solicitações institucionais sem que isso esmague e mortifique os desejos e inquietações da pesquisa.

Barthes (2007) propõe uma distinção entre duas figuras que escrevem: o escritor e o escrevente. O escritor é aquele para o qual escrever é verbo intransitivo. Ou seja, não há a necessidade de complementação alguma. Para o escritor, a escrita é um modo de existir e a palavra uma matéria infinitamente trabalhada. Assim, o escritor se encontra aberto e compromissado com os movimentos de deriva para o qual a escrita o leva. Já o escrevente é aquele para o qual a linguagem é um instrumento, sendo o escrever gesto transitivo. Há ainda um terceiro tipo, bastardo, o escritor-escrevente, que é justamente onde Barthes irá situar aqueles que pesquisam.

É precisamente neste ponto que a escrita acadêmica se assume como limiar e “[...] pode ser, ao mesmo tempo, domínio (determinação do objeto, injunção da procura) e desejo e derrapagem (ir para onde o movimento levar)” (Henriques, 2021, p. 253). É a simultaneidade entre o domínio e o desejo – entre o saber e o sabor, em termos barthesianos – que se cria as condições de

possibilidade da escrita acadêmica como espaço de formação e exercício de autoria.

## Considerações Finais

Se “a palavra é uma arena, o sentido não é um lugar confortável” (Amorim, 2002, p. 8) e esta finalização se apresenta como abertura para pensar o texto e sua circularidade. Doravante, abrem-se caminhos para a maturação de questões relativas às vicissitudes da escrita acadêmica como experiência limiar.

Dessa forma, destaca-se a importância de resgatar a dimensão processual da escrita e a centralidade do trabalho com as palavras na área das ciências humanas. Isso implica afastar o escrever de um lugar transcendental em que há a impressão de uma relação de expressão natural entre o pensamento e as palavras. A pesquisa aponta o inexpressível em jogo em toda atividade escrita (Barthes, 2007; Larrosa, 2016; Moschen, Do ó, 2021)— ponto de confluência entre a escrita acadêmica e a escrita de maneira geral. Entretanto, a escrita acadêmica se diferencia de outras modalidades pela especificidade de sua trama de negociações institucionais. Dado o exposto, são destacados dois importantes pontos na experiência de escrita na pós-graduação: o bloqueio e a questão da autoria. O primeiro foi pensado como resultado de uma perda de intimidade com as palavras, frequentemente associada ao ingresso no ambiente universitário, enquanto o segundo decorre de uma espécie de burocratização da escrita científica que aliena o pesquisador do sentido de suas normativas.

Afirmar a escrita acadêmica como experiência limiar significa que é no *entre* que ela se faz: entre a forma e a formação, a referência e a autoria, o bloqueio e a necessidade, o leitor e o escritor, entre a solicitação institucional e o desejo de pensar e escrever – significa localizá-la entre a liberdade e a responsabilidade do pensamento. Dessa afirmação também decorre a importância de se instaurar no seio da prática de escrita uma dose de inventividade, sem que isso caia em um lugar vazio, em uma língua apodrecida feita de

jargões, citações e frases de efeito. Trata-se, ao fim e ao cabo, de pensar a inventividade tal qual um tipo de rigor – que se preocupa em tratar o objeto de estudo em sua singularidade.

## Notas

1. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH/UFSC), conforme as Diretrizes Internacionais de para a Pesquisa envolvendo Seres Humanos, com C.A.A.E. 70673123.7.0000.0121.
2. O uso da terceira pessoa é usado aqui enquanto estratégia narrativa ficcional para aproximar o leitor da experiência vivida em campo. Para aprofundar a discussão, ver: COSTA, Luis Artur. O corpo nas nuvens: o uso da ficção na psicologia social. Em: *Fractal: Revista de Psicologia* v. 26, p. 551-576, 2014.
3. As citações em itálico aludem ao material produzido no escopo da pesquisa e está referenciada conforme as normas da revista de citação de entrevista.
4. Nesta passagem, o autor se refere a de um tipo de texto da leitura: “[...] nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu de ler levantando a cabeça?” (Barthes, 2012, p. 26-27).

22

## Referências

AMORIM, Marília. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p 7-19, jul. 2002.

BARTHES, Roland. Escritores e escreventes. 3. ed. Tradução Leyla Perrone-Moisés. In: **Crítica e verdade**. São Paulo: Editoria Perspectiva, 2007.

BARTHES, Roland. O rumor da língua. 3. ed. Tradução: Mario Laranjeira. Editora WMF Martins Fontes. São Paulo: 2012.

BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 2013.

BURGARELLI, Cristóvão Giovani; RIBEIRO, Pollyanna Rosa. Alguns efeitos do discurso da ciência na atualidade. **Revista Educação em Questão**. Natal, v. 38, n. 24, p. 34-57, maio/ago. 2010.

COSTA, Luciano Bedin. Aos que ainda escrevem: a escrita acadêmica nos designs do neoliberalismo. **Linha Mestra**, n. 33, p. 21-28, set./dez. 2017.

COSTA, Luciano Bedin da; COSTA, Luciano Bedin da. Short Scenes: a escrita acadêmica como combate. **Revista Polis Psique**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 171-186, ago. 2019.

COSTA, Luis Artur. O corpo nas nuvens: o uso da ficção na psicologia social. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 26, p. 551-576, 2014 (Dossiê Arte, Narrativas e Subjetividade).

FESTAS, Isabel; MATOS, Armanda; SEIXAS, Ana. Escrita académica e plágio no ensino superior. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 58, n. 56, p. 1-20, abr./jun. 2020.

FRANCO, Gustavo Naves. Complexidade e cotidiano acadêmico: práticas de escrita, leitura e presença. In: Siqueira, Isabel Rocha; Magalhães, Bruno. Caldas, Mariana; Matos, Francisco (org.). **Metodologia e relações internacionais**: debates contemporâneos. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2019 (v. 2).

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? Tradução de Josué C. Monteiro. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). **Ditos e escritos III**: Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

FOUCAULT, Michel. A verdade e o poder. 28. ed. Tradução Roberto Machado. **Microfísica do poder**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2014.

GAGNEBIN, Jean Marie. Entrevista. **Redobra**, n. 14, ano 5, p. 13-17, 2014.

HENRIQUES, Antônio. A grande travessia: textos acadêmicos para gente do risco e do movimento ousado. **Curriculo sem Fronteiras**, v. 21, n. 2, p. 523-539, maio/ago. 2021.

KIRINUS, Gloria. **Synthomas de poesia na infância**. São Paulo: Paulinas, 2011.

KOHAN, WALTER. Sobre a escrita acadêmica, a política e a amizade... In: CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice (org.). **Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2016.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. In: CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice (org.). **Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2016.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Tradução Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LEÃO, Thiago Marques; IANNI, Aurea Maria Zöllner; GOTO, Carine Sayuri. Sofrimento psíquico e a universidade em tempos de crise estrutural. **Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, v. 17, n. 44, 2019.

LINHARES, Célia. Escrever e viver: estranhamentos e estranhamentos recíprocos. In: CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice (org.). **Uma escrita acadêmica outra**: ensaios, experiências e invenções. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2016.

M. **Entrevista**. Florianópolis (Santa Catarina). 1º jul. 2022.

MOSCHEN, Simone. DO Ó, Jorge Ramos. A escrita da pesquisa: uma conversa a partir de Freud, Lacan e Foucault. **Currículo sem Fronteiras**, v. 21, n. 2, p. 740-767, maio/ago. 2021.

MOTTA, Clara Urzedo Rocha. **Como afiar palavras**: escrita acadêmica, experiência e subjetividade. 2023, 135f Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

24

PEREIRA, Marcos Villela. A escrita acadêmica – do excessivo ao razoável. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 52, p. 213-244, jan./mar. 2013.

PERRONE-MOISÉS, Leila. Prefácio. In: BARTHES, Roland. O rumor da língua. 3. ed. Tradução: Mario Laranjeira. Editora WMF Martins Fontes. São Paulo: 2012.

REZENDE, Camila Ribeiro Almeida. **Como escrever academicamente?** Uma sociologia artística da escrita acadêmica, das emoções e do processo criativo. 2021, 379 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

SILVA, Raísha Gonçalves. **Nas entrelínhas da pós-graduação**: o processo de subjetivação na experiência da escrita acadêmica. 2021, 130 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

ZANELLA, Andrea Vieira. **ArteUrbe**: jovens, oficinas estéticas e cidade. Curitiba: Appris, 2020.

Ms. Clara Urzedo Rocha Motta  
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas  
Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil)  
Núcleo de Estudos em Sociologia, Filosofia e História das Ciências da Saúde  
Orcid id: 0000-0001-7065-9765.  
E-mail: clara.urm@gmail.com

Prof.ª Dr.ª Andrea Vieira Zanella  
Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil)  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Núcleo de Pesquisa em Práticas Sociais, Estética e Política  
Orcid id: 0000-0001-8949-0605  
E-mail: avzanella@gmail.com  
Bolsista em Produtividade do CNPq

Recebido em 22 ago. 2024

Aceito em 16 out. 2024

25



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-Non-Commercial-ShareAlike 4.0 International License.